

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília
IHD - Dpto. de História
Brasília -DF- 70910-900

www.pej-unb.org

"O *BAHMAN YASHT* E O PROBLEMA DA DATAÇÃO DAS FONTES TEXTUAIS IRANIANAS"

**II SEMINÁRIO INTERNO DO PROJETO DE ESTUDOS JUDAICO-
HELENÍSTICOS - PEJ -, 21-23 DE NOVEMBRO 2007**

Júlia Câmara da Costa

História / 7o. período

Prof. Vicente Dobroruka



Resumo / abstract

As fontes iranianas relativas ao Zoroastrismo mostram-se em consonância com diversos textos, em especial judaicos, principalmente quando o tema em questão é o das idades do mundo. No entanto, tais fontes zoroastrianas apresentam um grave problema de datação que nos impede de falar com propriedade sobre a difusão de suas idéias para um contexto semítico.

Assim, neste *paper*, procuro esclarecer um pouco melhor algumas questões relativas a tal problema de datação, utilizando alguns textos persas, em especial o *Bahman Yašt*.



O *Bahman Yasht* e o problema da datação das fontes textuais iranianas

Ao tratarmos da tradição zoroástrica, um dos problemas primordiais que encontramos é a questão da datação de suas fontes. É em grande parte por conta dos textos persas que nos deparamos com perguntas difíceis de serem respondidas, no que concerne a discussão da apropriação de temas míticos dentro dos contextos semítico e indo-europeu. Como principal fonte de análise utilizarei o texto *Bahman Yašt*, também conhecido como *Zand Vahman ī Yasn*¹, e sua relação com alguns textos judaicos, como Daniel e 4Ezra.

Alguns temas que incorporarão os textos apocalípticos, tanto no ambiente indo-europeu quanto semítico, já aparecem no Avesta Novo², como nos *Yašts* 13, 19, no *Yasna* 26 e no *Vendidad* 19. O *Grande Bundahišn*³ também apresenta temas escatológicos e apocalípticos, em especial os capítulos 33 e 34. A história do mundo, desde o rei mítico Hystaspes ao *Saošyant*, salvador iraniano, é descrita no *Dēnkard*, o que incorpora esta passagem no gênero apocalíptico. Além disso, a teoria das quatro idades do mundo já aparece no *Sūdgar Nask*. Estes e outros textos se assemelham ao BY e integram o grande grupo de fontes persas que não podem ser precisamente datados.

¹ Retirado de Carlo C. Cereti. "Bahman Yasht". *The Zand I Wahman Yasn, A Zoroastrian Apocalypse*. Roma: Istituto Italiano per il Medio ed Estremo Oriente, 1995.

² O Avesta Novo compôs grande parte do Avesta, conjunto de escrituras antigas do Zoroastrismo, incluindo *Yašts*, o *Vendidad* e algumas partes do *Yasna*. Alguns estudiosos o remontam ao séc. VIII a.C.

³ Segundo John J. Collins ("Persian Apocalypses" in: *Semeia* 14, 1979), o *Bundahišn* mantêm-se em duas recensões: o "Grande *Bundahišn*" e o "Pequeno *Bundahišn*", indiano. Mary Boyce considera que estes textos podem ser em parte pré-zoroastrianos e muitos estudiosos afirmam que estes reproduzem material perdido do avéstico *Dāmdāt Nask*.



Ao lado do *Ardā Wirāz Nāmag*⁴, o BY constitui um dos únicos textos que pode ainda ser chamado de “apocalipse persa”, mas, na verdade, não configura exatamente um apocalipse, sendo uma compilação de material apocalíptico de diversas origens, como classifica Hultgård⁵. Sua narrativa está repleta de elementos de caráter apocalíptico, como os sinais anunciando o fim do milênio de Zoroastro e outros eventos relacionados ao fim dos tempos. Além disso, contém um diálogo entre Zoroastro e Ahura Mazda, o “Senhor da Sabedoria”, a visão de quatro eras e, posteriormente, a visão de sete idades. O que se tem hoje do BY é apenas um comentário escrito em *pahlavi* (persa médio), ou seja, um *zand* produzido no período sassânida (221 a.C.-642 d.C.) do possível original avéstico do texto. O capítulo 1 apresenta um dos temas de maior discussão do texto, o das idades do mundo (que também aparece no capítulo 2 de Dn).

Ohrmazd disse a Spitāmān Zarduxšt: o tronco que você viu [este é o mundo material que eu, Ohrmazd, criei]. Estes quatro galhos são as quatro épocas que virão. O de ouro é este no qual eu e você estamos conversando, e o rei Wištāsp aceita a religião e quebra os corpos dos dēws e [os dēws, na condição de serem visíveis], voam e se escondem. E o de prata é o reino [de] Ardaxšīr, o rei Kayanida. E o de aço é o reino [de] Husraw de alma imortal, filho de Kawād. E o no qual ferro foi misturado é o reino corrupto [dos] dēws de cabelo partido da descendência de Xēšm, quando isto será o fim do décimo século, ó Spitāmān Zarduxšt.

⁴ Apocalipse de viagem ao além, onde o personagem principal *Wirāz* (um sacerdote que explora questões relativas à morte) descreve suas visões sobre o céu e o inferno. Costuma ser comparado à *Divina Comédia* de Dante Alighieri, que alguns alegam ter influenciado.

⁵ Anders Hultgård. “Persian apocalypticism” in: John J. Collins (ed.). *The Encyclopedia of Apocalypticism in Judaism and Christianity*. 1 volume. New York: Continuum, 1998. p.43.



Um dado que ajuda a datar o texto é a menção feita a um reino histórico, o de *Husraw* (531-579 d.C.), que aparece no capítulo 3 do texto⁶. No entanto, este capítulo deve ser uma adição bem posterior, do séc. 6 d.C., ao tema original de quatro idades do mundo, mostrado acima, que deve remontar a séculos de distância.

O BY, como já foi dito, é um *zand*, um comentário de um original avéstico, escrito em *pahlavi*. Logo, não temos conhecimento do texto que o antecedeu e é sua primeira versão. Seu material é de diversas origens, as quais não somos capazes de remontar todas. Sabe-se que muito da tradição iraniana vem da tradição indiana (o que é totalmente compreensível, visto que ambas estão inseridas num contexto indo-europeu), inclusive o tema das quatro idades do mundo, encontrado nas *yugas*⁷ da cosmogonia indiana e na árvore do BY. O "homem primordial"⁸ da mesma tradição também está diretamente relacionado ao BY, por ter características da "árvore cósmica" presente neste. A tradição indiana é uma das mais antigas que se tem conhecimento. Supõe-se que o hinduísmo tenha surgido em torno de 1500 a.C. e que os *Vedas* já sejam desse período, embora uma tradição oral seja bem anterior. O épico

⁶ [...] *E eu vi uma árvore no qual havia sete galhos, um de ouro, um de prata, um de cobre, um de latão, um de chumbo, um de aço e um [no qual]ferro foi misturado [...] O tronco que você viu, este é o material do mundo que eu, Orhmazd, criei. E os sete galhos que você viu são as sete épocas que virão. O de ouro é o reino de Wištāsp no qual eu e você conversamos sobre a religião [...] O de prata é o reino de Ardaxšīr, o Kay [...] O de cobre é o reino de Ardaxšīr, o restaurador do mundo [...] O de latão é o reino dos reis arsácidas, que irão guiar o mundo da heresia do Buddha [...] O de chumbo é o reino do rei Wahrām Gōr, que fará visível o espírito da paz [...] O de aço é o reino do rei Husraw, filho de Kawād [...] O galho no qual ferro foi misturado [este é o perverso reino dos dēws de cabelo partido da descendência de Xēšm], quando será o fim do décimo século do nosso [milênio], ó Spitāmān Zarduxšt [...].*

⁷ São as idades do mundo na concepção indiana.

⁸ Segundo o gnóstico Bardesanes (155-223 d.C.), num relato que se encontra em *Stobeus* 2.2, um homem estaria de braços aberto no centro da terra, o que lembraria tanto a árvore do BY quanto a estátua de Dn 2.



Mahābhārata, texto que cita as *yugas*, compilado por Krishna-Dwaipayana Vyasa, no entanto, parece ser do séc.II ou I a.C. (ou, até mesmo, do período que vai do séc.IV a.C. ao IV d.C.), mas supõe um material mais antigo, já que mostra paralelos com o *Hino de Skambha*, que remonta ao surgimento do hinduísmo e fala sobre Deus simbolizado por um tronco.

Se o tema das idades do mundo não é originalmente iraniano, em que afinal é esta tradição pioneira? O que se discute aqui é a apropriação do tema das idades do mundo, mas de uma maneira diferente: estatizando cada idade e simbolizando-as por metais. Segundo Adela Collins⁹ a origem dos quatro metais ainda é obscura, mas esta junção de temas que a apocalíptica persa faz me parece inédita na Antiguidade. Pode-se muito bem argumentar qual o papel de Hesíodo¹⁰ nesta discussão, mas devo lembrar que o mesmo faz um uso bem diferente do tema. Hesíodo usa quatro metais em ordem de deteriorização, mas inclui a "idade dos heróis", que quebra toda a simetria do esquema proposto. Ovídio, em suas *Metamorfoses* (séc.I a.C.) também utiliza o esquema de cinco idades, mas parece evidente aqui que Hesíodo faz uso de um modelo original de quatro períodos, adicionando um período suplementar, a "idade dos heróis", que destoa completamente das outras¹¹. Há a possibilidade do autor de Dn ter tido conhecimento de forma direta ou indiretamente do esquema de Hesíodo, mas tudo indica que o livro judaico teve como principal fonte um possível original avéstico do BY. Hesíodo também não se insere num contexto religioso,

⁹ Adela Y. Collins. "Numerical symbolism in Jewish and Early Christian apocalyptic literature" in: Wolfgang Haase e Hildegard Temporini (orgs.). *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*. Berlin: De Gruyter. (ANRW), 1984. 2 1/2.

¹⁰ Provavelmente produzido em torno de 700 a.C..

¹¹ Geo Widengren. "Les quatre ages du monde" in: Geo Widengren, Anders Hultgård e Marc Philonenko. *Apocalyptique iranienne et dualisme goumrânién*. Paris: Adrien Maisonneuve, 1995. Pp.42-47.



logo seu esquema de eras sucessivas não serve para o mesmo propósito de Daniel ou do BY, por exemplo.

A discussão entre estudiosos acerca de qual texto é mais antigo, o BY ou Dn¹², é recorrente. Anders Hultgård é defensor da precedência do texto persa, assim como a maioria dos estudiosos (como Mary Boyce e John Collins), já o francês Philippe Gignoux assume o posto de opositor às idéias recorrentes sobre o assunto¹³. Este se baseia em alguns argumentos para descartar a originalidade persa no tema dos quatro impérios simbolizados por metais. Segundo o mesmo, estamos lidando com tradições míticas e lendárias que foram acrescidas nos textos avésticos durante o período sassânida. Haveria então muitas reinterpretações durante a passagem dos textos do avéstico para o *pahlavi*. Também argumenta que aproximadamente $\frac{3}{4}$ do Avesta foram perdidos durante a conquista Árabe-Islâmica. Logo, não saberíamos sequer se certos textos existiriam. Quantos textos novos teriam sido compostos em avéstico durante o período parta e sassânida? Gignoux também propõe uma discussão filológica para demonstrar uma confusão de temas que não seriam tão antigos, como todos pensam. Além de tudo, ainda discute a possibilidade do BY ter sido composto no período helenístico, não configurando como um apocalipse e não podendo manter fortes paralelos com textos que o são.

A pergunta a ser feita então é: a idéia de quatro idades do mundo, representada por impérios e metais que vão se degradando é iraniana, logo influenciando Dn 2¹⁴? Os

¹² Produzido no séc.II a.C.

¹³ Philippe Gignoux. "L'apocalyptique iranienne est-elle vraiment la source d'autres apocalypses?" in: *Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae* 31, 1985-88. Pp.67-78.

¹⁴ [...] *Tiveste, ó rei, uma visão: era uma estátua. Enorme, extremamente brilhante, a estátua erguia-se diante de ti, de aspecto terrível. A cabeça da estátua era de ouro fino; de prata eram seu peito e os braços; o ventre e as coxas eram de bronze; as pernas eram de ferro; e os pés, parte de ferro e parte de argila [...]*



metais ou as idades do mundo por si só já podem até ter aparecido em outros contextos antes do iraniano, mas como fica a última idade que no apocalipse persa é representada pelo ferro misturado a algo não identificado e em Dn à argila? O ferro aqui evidentemente é tido como o pior dos metais, pois simboliza o pior dos reinos, o último. No texto persa *Bundahišn* (que fala sobre a criação e destruição do mundo) surge o tema do metal derretido que serve para julgar os homens, quem passar por ele e for bom pensará que está andando sobre leite morno, mas quem for fraco sentirá o queimar do metal¹⁵. A referência ao metal como algo negativo no *Bundahišn* parece mostrar que este tema está bem trabalhado na tradição persa, e uma outra referência semelhante no BY só deixa isso mais claro. O que quero dizer é que a idéia do metal sendo usado para representar algo ruim obviamente parece mais persa que judaica. Como ocorre com o BY, também não sabemos ao certo quando foi composto o *Bundahišn*, mas faz-se uma idéia de que o Zoroastrismo remonte a pelo menos 1000 a.C.¹⁶, logo sua tradição parece mais antiga que a semítica.

Um outro bom argumento para provar que os textos persas não são tão posteriores é o testemunho de Plutarco. Este historiador falava sobre a cosmogonia e escatologia zoroastriana, assim como se encontram nos textos em *pahlavi*, já em sua obra *Sobre Ísis e Osíris* de 100 d.C. Isto mostra que a tradição iraniana pouco mudou ao decorrer dos séculos. Com o testemunho de Plutarco fica mais difícil acreditar que o tema das idades do mundo com os metais tenha sido uma inserção sassânida do séc.III d.C. em diante, a partir de uma idéia originalmente daniélica.

¹⁵ *Bundahishn* 34.18-19.

¹⁶ Um dos motivos para que se chegue a esta conclusão é o que em vários textos de tradição zoroastriana o ambiente recriado é o de pastores assentados, mas ainda não agricultores, o que condiz com a época.



Também podemos fazer paralelos entre textos persas e o texto judaico 4Ezra¹⁷, capítulos 9, 12, 14, , no que tange estados alterados de consciência por indução química¹⁸. O *Jāmāsp Namag*, *Wizirkad i Denig*, *Zarduš Nameh*, a “Conversão de Hystaspes”, trechos do *Dinkard*, o *Livro de Artay Viraz* e passagens do *Vidēvdāt*, juntamente com o BY¹⁹, listam os textos persas que parecem ser fontes para o autor de 4Ezra. Vale lembrar que a figura de Hystaspes²⁰ é bem mais antiga que a apocalíptica judaica, ou seja, mais antiga que a figura de Ezra. O tema da taça que dispõe de bebida alucinógena em 4Ezra já aparece no *Yasna* 10.17, material encontrado nos *Gathas* (que para os estudiosos tem sua datação variando de 1000 a.C. ao séc. VI a.C., dependendo de quando viveu Zoroastro). Enfim, o tema das flores como indutor químico (que também está presente em 4Ezra) dentre outros, já presentes da tradição persa, mostra que há uma grande probabilidade do texto judaico ter se apropriado de idéias zoroastrianas.

Uma outra fonte iraniana que serve para a discussão da datação dos textos persas é o Oráculo de Hystaspes, relativo ao personagem já citado como rei protetor de Zoroastro, que possui idéias apocalípticas em sua narrativa, como o fim do mundo e seu destino. O oráculo foi bastante popular no séc.II d.C. pelos cristãos por seu conteúdo explosivo anti-romano, no entanto, seu original

¹⁷ Produzido no séc.I d.C..

¹⁸ Retirado da tese de doutorado de Vicente Dobroruka. “Aspects of Late Second Temple Jewish Apocalyptic: A cross-cultural comparison”. Tese de doutorado, Oxford. 2005.

¹⁹ BY 3:6-8: “[...] Ele pegou a mão de Zarduxšt, ele Ohrmazd, o espírito generoso, o Criador do mundo [dos] bens materiais, sagrado pôs sua sabedoria de onisciência, na forma de água, na mão de Zarduxšt e disse ‘beba’. E Zarduxšt o bebeu. Ele misturou a sabedoria em Zarduxšt. Por sete dias e noites esteve Zarduxšt na sabedoria de Ohrmazd [...]”.

²⁰ Tido como o rei mítico protetor de Zoroastro, além de também ser o nome do pai do rei Dário I.



(se houver algum), parece ter tido origem em um ambiente onde idéias apocalípticas iranianas eram usadas para manter resistência política e espiritual contra regras macedônicas e selêucidas na Ásia ocidental. No entanto, só temos à disposição o oráculo via Lactâncio²¹ e poucos outros autores, como Clemente de Alexandria. A descrição de sinais apocalípticos na paráfrase de Lactâncio lembra os sinais encontrados no BY. Nas *Instituições divinas* 7.16:10: "O ano encurtará e o mês diminuirá e o dia concentrado em um pequeno espaço"; no BY 2.31, "o Sol ficará menos visível e menor, ano, mês e dias encurtados".

Também há semelhanças entre a passagem 7.21.3-7 das *Instituições divinas* e o *Bundahišn* 34.18-19 a respeito do fogo divino, o que mostra que um texto já conhecido no começo da nossa era mostra paralelos com outras fontes persas. Isso nos leva a conclusão de que textos como o BY não são fruto do período sassânida, como alguns argumentam, remontando, no mínimo, à época de composição do oráculo em questão.

Concluindo, a partir dos indícios mostrados, tendo a crer que um complexo mítico indo-europeu foi apropriado por um semítico, o que explica muitas das semelhanças entre as *yugas* e o "homem primordial" indiano com as idades do mundo simbolizadas por metais em Dn e no BY, juntamente com suas descrições de uma estátua e uma árvore cósmica (consecutivamente). O texto indiano *Mahābhārata* mostra pistas de ser o mais antigo, por ser menos complexo e por não apresentar Estados simbolizados nas *yugas*, como acontece com na árvore do BY e na estátua daniélica. Por sua vez, o texto iraniano parece ser mais antigo que Daniel, por fazer parte de uma tradição, ao que parece,

²¹ A obra *Instituições divinas* de Lactâncio, de onde é retirado o *Oráculo de Hystaspes*, data de 305-310 d.C.



muito anterior à judaica, o que o tornaria um possível elo entre o mito indiano e o judaico. No entanto, mais uma vez, é imprescindível lembrar que estes documentos (em especial o BY) possuem graves problemas de datação, o que dificulta respostas conclusivas à análise.